

QUINTA-FEIRA • 18 DE JUNHO DE 2015

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30708
de 18 de Junho de 2015, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

LAUDATO SI'

UMA ENCÍCLICA VERDE PARA CUIDAR A CASA COMUM

P. 4-5

ENCÍCLICA LAUDATO SI' OU A PARÁBOLA DE LÁZARO E O HOMEM RICO



PAULO TERROSO

PADRE

É necessário recuar a 25 de Julho de 1968, data em que foi publicada a encíclica sobre a regulação da natalidade, *Humanae Vitae*, escrita por Paulo VI, para se encontrar tanta expectativa, polémica e contestação em torno de um documento papal. A encíclica ecológica *Laudato si'* (Louvado sejas) do Papa Francisco, publicada hoje, entrará para a história como sendo a primeira a ser duramente criticada antes mesmo de o texto ser conhecido.

A ilustrar bem o nível de apreensão e ansiedade de alguns círculos políticos e económicos, provenientes sobretudo dos Estados Unidos, está o artigo publicado no semanário católico inglês *The Tablet* (13.06.2015, pp. 6-7), com o sugestivo título “*Hostile Climate*” (Clima hostil). Além do

desfiar de um conjunto de críticas ao documento, vindas sobretudo de membros do Partido Republicano, de direita, dos Estados Unidos, Michael Winters, autor do artigo, escreve: “os políticos não são os únicos Americanos nervosos com aquilo que o Papa possa dizer. Empresas multinacionais têm feito *lobbying* junto dos bispos estadunidenses — e no Vaticano — para influenciar o texto final”.

retratar a realidade e de denunciar os seus principais responsáveis. Nomeadamente “os poderes económicos” que “continuam a justificar o sistema mundial actual, onde predomina uma especulação e uma busca de receitas financeiras que tendem a ignorar todo o contexto e os efeitos sobre a dignidade humana e sobre o meio ambiente” (LS, 56).



Compreende-se o “nervosismo”. A encíclica *Laudato si'* não se esconde atrás de eufemismos nem faz uso do *politiquês* quando se trata de

É natural que hoje, nos próximos dias e até semanas, os comentários e controvérsias relativas ao documento se polarizem em dois grandes eixos: os

que julgam o papa latino-americano demasiado à esquerda e incapaz de compreender a economia de mercado e os que vêem um pontífice preocupado com a real dimensão da crise ecológica e das suas trágicas consequências. Insistir em colocar o Papa à esquerda e catalogá-lo como comunista é, no mínimo, ignorar a Doutrina Social da Igreja e de tudo quanto foi escrito pelos seus predecessores. No máximo, é desonestidade intelectual. Já pôr em causa a validade científica da crise ambiental em curso é bem mais problemático. No entanto, o Papa deixa-nos tranquilos quando escreve que a síntese à crise ecológica, feita no primeiro capítulo da encíclica colhe “os melhores frutos da pesquisa científica actualmente disponível” (LS, 15).

No vai e vem das acesas discussões a que vamos assistir e ouvir, o essencial pode passar-nos ao lado, mais uma vez. Como bem diz Meghan Clark, professor assistente de teologia, na *Saint John's University*, na cidade de Nova Iorque, “as implicações das alterações climáticas não são política ou cientificamente controversas para os milhões que sofrem com a seca, com fome, com inundações ou que ficam desalojados em consequência dessas mesmas alterações”. E acrescenta: “falhar em reconhecer o seu sofrimento é semelhante à incapacidade do homem rico em ver Lázaro fora do portão”.

E, já agora, sabem como termina a parábola de Lázaro e o homem rico?



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

11 Junho 2015

Onde não há trabalho,
não há dignidade.

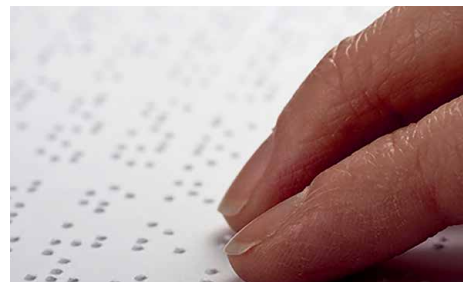
13 Junho 2015

Hoje a Igreja é Igreja de mártires:
tantas testemunhas heróicas!
Aprendamos com a sua coragem.



EMIRADOS ÁRABES UNIDOS COM SEGUNDA IGREJA CATÓLICA

O secretário de Estado do Vaticano inaugurou a segunda igreja católica em Abu Dhabi, capital dos Emirados Árabes Unidos. O Cardeal Pietro Parolin destacou que “transformar o mundo num lugar melhor para todos” é um objectivo comum a cristãos e muçulmanos. “Como membros da sociedade onde vivemos sabemos que a nossa vida está estreitamente ligada à de quantos pertencem a outras religiões e culturas, com os quais compartilhamos o mundo”, afirmou o prelado.



JN E SANTA CASA DA MISERICÓRDIA JUNTOS PELO BRAILLE

A Santa Casa da Misericórdia do Porto, o Jornal de Notícias e a Águas do Porto assinaram um protocolo de cooperação para voltar a editar o JN em braille. O JN vai ser produzido no Centro Professor Albuquerque e Castro (CPAC), cujo objectivo passa por “produzir livros, publicações e outros materiais” em braille para tornar “acessível a informação, a cultura e a literacia às pessoas cegas”. A “Águas do Porto” vai financiar a recuperação do projecto, participando a reedição a partir do mês de Julho.



ONU LUTA CONTRA TRABALHO INFANTIL NA AGRICULTURA

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação realizou um documento, em parceria com a Universidade Humboldt, na Alemanha, que explica como tratar o problema do trabalho infantil na agricultura. O guia promove o uso de boas práticas para impedir o uso de mão de obra infantil em zonas agrícolas e dicas de medição do impacto do trabalho infantil no seu desempenho escolar e saúde das crianças.

NATIONAL BANK



PEDRO CASTRO CRUZ

ARQUITECTO

O sentimento que tive vi-o depois expresso no sítio oficial do turismo de Copenhaga, por isso não trago nenhuma perspectiva original mas de facto a partilha da última emoção arquitectónica.

Pelo exterior: um muro contínuo que encerra todo o quarteirão, sobre o

uma ligeiríssima descida em curva. Logo somos obrigados a parar, porque a porta automática que nos espera à saída da curva só abre depois da que faceia a rua se fechar. O compasso de espera e a rotação preparam-nos com efeito para a surpresa que se segue. Mergulhamos num espaço de silêncio e claro-escuro, num espaço que parece suspenso, ou parece suspender o tempo e o ritmo que levamos. É com certeza também a sugestão da escada que ao fundo protagoniza o átrio, ela mesma realmente suspensa do tecto, a partir de finos tubos vermelhos. A luz entra em feixes a partir das frestas entre os módulos que vimos ritmarem o exterior. Os reflexos acentuam-se porque chão e paredes são em mármore polido. A altura acentua-se porque o tecto se perde na penumbra. O arrepio frio é compensado pelas tapeçarias vermelhas que ocupam umas atrás das outras os nichos junto ao chão. Sentamo-nos nas cadeiras *swan*, junto à escada, e as tapeçarias parecem lareiras e é-nos devolvido um acolhedor sabor a casa. Olhamos para trás e compreendemos porque nos pareceu leve a descida: também a rampa está suspensa do tecto, com os mesmos tubos vermelhos.

Não nos importa o tempo, mas lá está, claro, o relógio de parede.

É que Arne Jacobsen (1902-71, Copenhaga) desenhava a cidade, o detalhe e o acessório, do urbano ao design: a arquitectura. Esta obra-prima (1961-78) é construída antes e depois da sua morte, o que parece exacerbar o simbolismo de um edifício de sempre e para sempre, real e virtual. Fora, os “mesmos” módulos são de pedra, nos topos, e de vidro, nos lados compridos do volume...

É dizer, Jacobsen ensinava a viver e a pensar bem, a exigir o rigor e a apreciar os confortos. O *National Bank* tem um *espírito de lugar*; uma síntese posta num só átrio, num só volume de ar – e pensar ser o ar que respiram os decisores da banca e da política inspira à esperança da construção de um mundo melhor, ao empenho na responsabilidade cívica, à concriação a que me sinto chamado. Como

as coroas dinamarquesas que fomos trocar, pois se tinha cunhado uma moeda comemorativa do aniversário da Rainha; como circula a moeda, assim também não é difícil cruzar informalmente a Rainha na rua. Li-o mais tarde: “*The hall rises with cathedral-like proportions to the height of six storeys.*”

POR ACREDITAR TANTO!

LUÍS E ANA

PROFESSOR | ASSESSORA PARA A GESTÃO DE PROGRAMAS E RECURSOS

Somos uma casal feliz, que por acreditar no Amor e no Casamento, casou (pelo Registo Civil) em 2009, na presença de família e amigos chegados. Temos uma filha de quase 11 meses. Tivemos uma educação católica. A Ana acredita mais num deus Espírito. O Luís reconhece talvez a existência de um deus Natureza. Ambos podemos sentir a presença de Deus (ou reconhecer que já tenhamos experimentado Deus) no amor, na amizade, na segurança, na felicidade, no agradecimento, na contemplação da perfeição da natureza e da diversidade do mundo. Ambos podemos impressionar-nos com a vida e a mensagem de Jesus Cristo, pensamo-lo como um homem iluminado – mas temos dificuldade em tê-Lo como “o Deus”!

Tendo-nos sido pedido, lançamos quatro desafios à Igreja Católica:

1.º – Desafio à transmissão da Mensagem: Que a Mensagem da Igreja seja simples e mais fiel à simplicidade da Mensagem da Bíblia (a Mensagem de Deus).

Percebemos que um dos objetivos primordiais da Igreja seja a Evangelização – levar a mensagem de Deus a todos os homens – mas, por diferentes caminhos que percorremos na infância e juventude, e agora na nossa vida comum de casal, temos encontrado uma Mensagem da Igreja que chega em forma de “condicionamento da ação”, de “molde de pensamento”, de “tradição”. Acreditamos que uma Igreja que consiga começar a transmitir que o Evangelho que propõe não obriga ou limita as pessoas a determinados comportamentos e modos de pensar, sob pena de “pecar” ou “não seguir a moral”, mais facilmente conseguirá propor um Caminho (o caminho de Jesus) ou mensagem simples, em que cada pessoa consegue e é livre para experimentar Deus.

2.º – Desafio ao testemunho da Igreja: Que o exemplo da Igreja seja de felicidade e de esperança.

Continua a chegar-nos uma imagem da Igreja, como sendo uma instituição que diferencia os homens pelos seus atos, que julga formas de ser e de estar e que depois se apresenta como o caminho para a salvação, através da conversão dos mesmos. Acreditamos que uma Igreja que consiga integrar as diferenças, dando testemunho do perdão (que temos para nós como a aceitação dos outros tal como eles são) e da prática de “ser feliz com a

felicidade dos outros”, mais facilmente se encontrará com as pessoas e mostrar-lhes-á que há lugar para todos, alimentando a esperança de que podem viver sem culpa ou condenação.

3.º – Desafio à vocação da Igreja: Que a Igreja consiga apelar à espiritualidade dos homens.

Sempre conseguimos perceber que a Igreja nos transmitia que a sua Mensagem era o alimento do Espírito e que era importante que este fosse alimentado e trabalhado – o desligamento dos bens materiais, das falsas concepções de poder ou de satisfação pessoal, ou do egocentrismo, para poder agradar a Deus servindo os outros. Mas percebendo, em teoria, essa informação, não conseguíamos ser totalmente cativados por ela, talvez por nos ser transmitida em forma de diretiva, ou então não decodificada. Hoje nas nossas vidas experienciamos que os momentos mais importantes os momentos em que nos retiramos para parar, em que saímos da rotina diária para contemplar o mundo, em que vivemos momentos bons sem necessidade de muitos artefactos à nossa volta, em que nos dedicamos exclusivamente à família, em que alimentamos as grandes amizades. Acreditamos que uma Igreja que consiga tornar o exercício espiritual acessível a todos, sendo o seu papel (ou vocação) o de acolher e facilitar essa experiência, poderá tornar-se muito útil para todos os que ainda não descobriram o carácter essencial da espiritualidade para a felicidade.

4.º – Desafio à ação da Igreja: Que a Igreja não abdique da sua ação social/missionária, da continuidade do diálogo ecuménico e da proteção da Paz.

Sempre reconhecemos o importante papel da Igreja na criação e desenvolvimento de ações sociais, trabalhando pela dignidade das pessoas e pela sua proteção – principalmente daquelas que são mais desprotegidas socialmente e estão mais vulneráveis à pobreza, injustiças e miséria. Conhecemos e admiramos muitos projetos e pessoas que a Igreja tem pelo Mundo, dedicados exclusivamente à valorização e comunhão humana. Acreditamos que uma Igreja que continue e use cada vez mais os seus meios para esta prática, será cada vez mais reconhecida como um espelho da Palavra/Mensagem que quer transmitir aos homens.



qual se adivinha o verde dos pátios internos e sobre o qual assenta a caixa de vidro do *National Bank of Denmark*, num implacável ritmo vertical. Pelo interior: um átrio de entrada que causa espanto! O muro interrompe uma só vez para a porta pequena, voltada ao canal. Entramos por uma rampa-caixa de vidro, com

O DESPERTAR EM SOBRESSALTO DE UMA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA PLANETÁRIA

ISABEL VARANDA

PROFESSORA

O anúncio da iminente publicação da encíclica – *Laudato si'*. *Sobre o cuidado da casa comum* – da autoria do papa Francisco, há já algum tempo que vem criando bulício e forte expectativa: “o que irá dizer o papa?”, “contra quem vai falar?”, quem vai denunciar, o quê e como vai fazer?, “o que poderá ser dito de original e de relevante sobre a questão ecológica?”, “a quem se vai dirigir e de quem se pretende fazer ouvir?”. Estas são algumas das inúmeras perguntas que vão surgindo informalmente e que se escutam, aqui e lá, nos meios de comunicação social como nas universidades, em meios eclesiais como em contextos culturais das mais diversas sensibilidades; na mesa de café, na livraria como no encontro pontual na rua. Com efeito, muito se pode dizer, conjecturar, deduzir, aventar como explicação do fenómeno de expectativa gerado e muito se dirá, sem dúvida. Limito-me, por isso, a explicitar uma leitura menos comum desta expectativa. Sendo ainda a questão ecológica uma questão marginal no leque de preocupações da maior parte dos nossos contemporâneos, não se estranharia que o anúncio do tema da encíclica do Papa suscitasse uma relativa indiferença. O facto é que se verifica o contrário e tal faz-me pensar que fosse qual fosse o tema ocorreria o mesmo fenómeno de expectativa. Mais do que o assunto, o que em primeira instância mobiliza a atenção do mundo é a palavra escrita do papa Francisco, fresca, livre, profética, luminosa, próxima, terna, clara, acolhedora e que fala sempre a alguém. E a sua palavra, as suas palavras surpreendem, despertam, atraem, seduzem porque carregadas de humanidade, porque acrescentam beleza e porque

ajudam a perceber que as cruces do mundo e as de cada um e de cada uma não são uma fatalidade.

Com a publicação da encíclica, haverá tempo e ocasião para lermos e acompanharmos o pensamento e as palavras do papa Francisco sobre o “cuidado da casa comum” e a consideração – que, supomos, será feita – de uma ecologia integral, para lá da ecologia humana e da ecologia ambiental. Por enquanto, ficam algumas observações genéricas como contributo para pensar o cristianismo face aos desafios cruciais que a problemática ecológica coloca à humanidade, hoje.

Reconhecendo que o Cristianismo assume o tempo presente – a nossa modernidade – mas tem dificuldade em saber como nele se situar, tem dificuldade em conquistar um lugar de pertinência e tem dificuldade em anunciar, de modo eficaz, a sua mundivisão e a sua proposta de sentido para a vida dos grupos, dos indivíduos humanos e dos ecossistemas naturais. Reconhecendo que os cristãos poderiam ter chegado mais cedo à questão ecológica e que a sua entrada tardia na questão tem sido, a maior parte das vezes, num tom apologético diante das acusações dirigidas à tradição hebraico-cristã, à qual é atribuído, muitas vezes, um papel de relevo no desencadear da grave crise ecológica

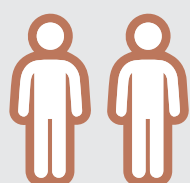


EM

205

A PROCURA POR ÁGUA AUMENTARÁ 55% E CERCA DE 40% DA POPULAÇÃO MUNDIAL

TERRA



Pessoas

795 MILHÕES DE PESSOAS NO MUNDO COM FOME

54% DA POPULAÇÃO MUNDIAL VIVE EM ÁREAS URBANAS; ESTIMA-SE QUE EM 2050 SERÃO 66%



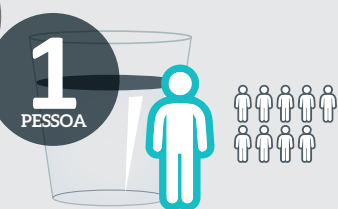
3,4%

OCEANOS PROTEGIDOS

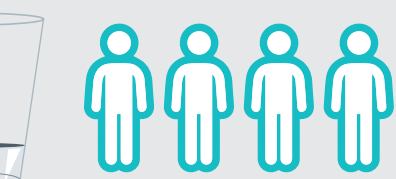


Agricultura

AGRICULTURA SUSTENTÁVEL: ECONOMIA (LUCRO) + AMBIENTE (PLANETA) + SOCIEDADE (PESSOAS)



EM CADA 9 PESSOAS NO MUNDO
NÃO TEM ACESSO A ÁGUA POTÁVEL



A CADA MINUTO
MORREM QUATRO PESSOAS
POR FALTA DE ÁGUA



60%

9 PAÍSES DETÊM 60%
DA ÁGUA ACESSÍVEL NO MUNDO



Renováveis

ENERGIAS RENOVÁVEIS COMO O VENTO
E O SOL GERARAM 9,1% DE ELECTRICIDADE
MUNDIAL EM 2014



1,6

MILHÕES KM²
DE NOVAS ÁREAS
PROTEGIDAS DESDE 2012

6,1 milhões km²
desde 2010

15,4%

ÁREAS TERRESTRES

O MUNDO PERDEU 2,3 MILHÕES KM²
DE ÁREAS COBERTAS POR ÁRVORES
DE 2000 A 2012

actual. Tais reconhecimentos não impedem que se reconheça, também, que a questão ecológica é um *Kairós*, um momento favorável, para a nossa modernidade e para o cristianismo, para que uma e outro se repensem à luz das problemáticas cruciais da questão ecológica. Nesta perspectiva, o cristianismo e as religiões em geral precisam de trabalhar no sentido de trazer à luz as possíveis e reais “afinidades entre religião e ecologia que possam ser “pivots” de recomposição das relações entre religião e modernidade” (Danièle Hervieu Léger). Este trabalho deve assentar na convicção fundamentada de que:

– O cristianismo pode e deve dizer à modernidade que “há uma forma religiosa de defender a causa ecológica”, oferecendo ele próprio um contributo original e singular.

– O cristianismo pode e deve ajudar a trazer à luz instâncias que façam autoridade e contribuir para o estabelecimento de um referencial que, no processo de validação, sobreviva ao imperativo da legibilidade antropológica.

– O cristianismo pode encontrar uma figura ecológica de presença no mundo que lhe permitirá desempenhar um outro papel na aliança dos saberes, no concerto democrático, e na construção de um mundo de paz e justiça para toda a criação. Não se trata, em rigor, de uma ecologia cristã mas, de um modo cristão, um “estilo” cristão de habitar o mundo, uma “arte cristã” de bem viver com a natureza.

Por sua vez, a teologia católica, umas vezes ignorada, outras desclassificada, outras olhada de través, outras ainda, vista como obstáculo epistemológico, pode, singular e originalmente, situar-se e operar na proposição concreta de novas semânticas para conceitos comuns, a partir de conceitos operatórios específicos da tradição hebraico-cristã. Tais conceitos poderiam funcionar como instrumentos intelectuais e empíricos de análise, de reflexão e de performatividade. Do vasto léxico religioso e teológico, laboriosamente e sabiamente forjado ao longo dos

milénios, destacamos os conceitos de *criação, co-criação, responsabilidade, hospitalidade, aliança, cuidado, promessa, esperança, deserto, limite, morte, ressurreição, conversão, palavra, doçura, diferença, dom, bênção, graça*. A eleger um, como síntese recapituladora de tantos, proponho o conceito de aliança.

Com efeito, a tradição cristã partilha com a tradição hebraica a noção de aliança cuja semântica nos conduz e nos coloca para além das relações de dominação, de força, e de compromisso, para além dos poderes instituídos, das cimeiras, dos tratados e dos acordos celebrados, quase sempre em nome de interesses antropocêntricos. Se os acordos põem em evidência a dimensão contratual da vida, com a aliança é a dimensão relacional que sobressai. A tradição cristã não fala simplesmente de uma aliança entre as nações, de uma aliança entre povos ou da “aliança das civilizações”; nestas, o *topos* de leitura é claramente antropocêntrico. O cristianismo fala de uma aliança cósmica – em que o cosmos não é mero cenário da realização humana – selada no coração daquele que é o intermediário entre a natureza e Deus, “o ser humano, sacerdote do criado”, na feliz expressão do teólogo ortodoxo Ioannis Zizioulas, metropolita de Pérgamo. Aliança que assenta numa cultura do cuidado, da doçura e da mansidão nas relações, na assumpção dos limites, na consideração da diferença como jóia da criação e na experiência de uma responsabilidade partilhada. A aliança é, neste sentido, sinónimo de hospitalidade vital e o seu motor é a permanente conversão ao outro e à vida nova.

A originalidade do contributo do cristianismo para fazer face à problemática ecológica, hoje, passa, certamente, pela recuperação destes conceitos como noções essenciais para pensar a natureza e o ser humano e descobrir, nos próprios limites e nos perigos de morte que vivemos, espaços para reconstruir “a casa comum”, onde todas as criaturas possam viver uma vida boa.



DESCARREGUE DOCUMENTOS
DE APOIO À ENCÍCLICA
www.arquidiocese-braga.pt

XII DOMINGO COMUM B

TEMA

**“MESTRE, NÃO TE
IMPORTAS QUE
PEREÇAMOS?”**

ATITUDE DE VIDA

Assumindo, nesta semana, a atitude atenta e compassiva de Jesus para com os seus discípulos, vamos procurar corresponder-Lhe com a vivência da obra de misericórdia “sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo”. Para isso, poderemos fazer uma visita a uma pessoa doente, idosa ou que viva sozinha ou mais isolada.

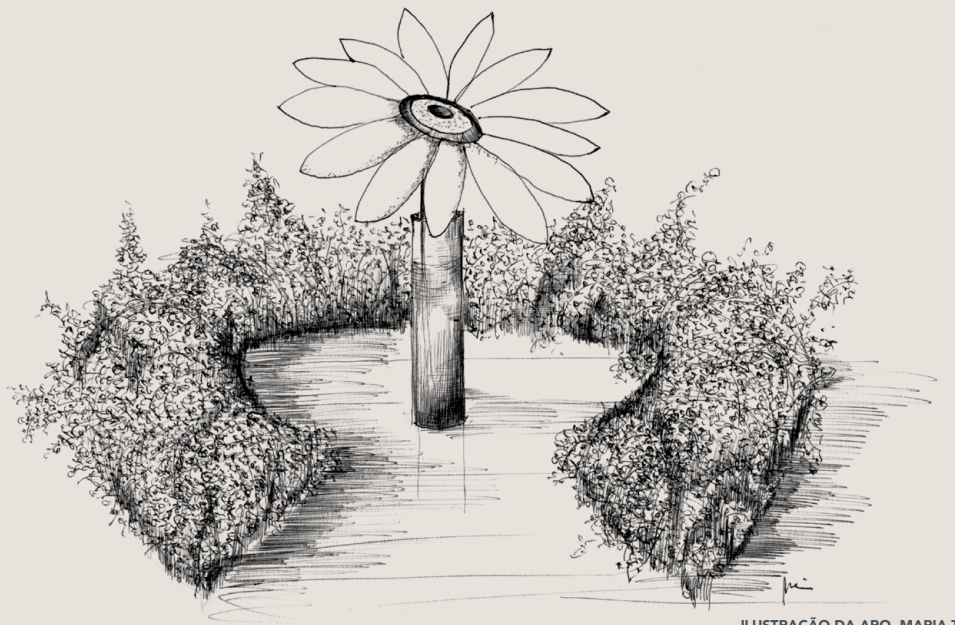


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Job 38, 1.8-11
Leitura do Livro de Job

O Senhor respondeu a Job do meio da tempestade, dizendo: “Quem encerrou o mar entre dois batentes, quando ele irrompeu do seio do abismo, quando Eu o revesti de neblina e o envolvi com uma nuvem sombria, quando lhe fixei limites e lhe tranquei portas e ferrolhos? E disse-lhe: ‘Chegarás até aqui e não irás mais além, aqui se quebrará a altivez das tuas vagas’”.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 106 (107)
Refrão: Dai graças ao Senhor, porque é eterna a sua misericórdia.

Os que se fizeram ao mar em seus navios, a fim de labutar na imensidão das águas, esses viram os prodígios do Senhor e as suas maravilhas no alto mar.

À sua palavra, soprou um vento de tempestade, que fez encapelar as ondas: subiam até aos céus, desciam até ao abismo, lutavam entre a vida e a morte.

Na sua angústia invocaram o Senhor e Ele salvou-os da aflição. Transformou o temporal em brisa suave e as ondas do mar amainaram.

Alegraram-se ao vê-las acalmadas, e Ele conduziu-os ao porto desejado. Graças ao Senhor pela sua misericórdia, pelos seus prodígios em favor dos homens.

LEITURA II 2 Cor 5, 14-17
Leitura da Segunda Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: O amor de Cristo nos impele, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram. Cristo morreu por todos, para que os vivos deixem de viver para si próprios, mas vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles. Assim, daqui em diante, já não conhecemos ninguém segundo a carne. Ainda que tenhamos conhecido a Cristo segundo a carne, agora já não O conhecemos assim. Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas antigas passaram: tudo foi renovado.

EVANGELHO Mc 4, 35-41
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele dia, ao cair da tarde, Jesus disse aos seus discípulos: “Passemos à outra margem do lago”. Eles deixaram a multidão e levaram Jesus consigo na barca em que estava sentado. Iam com Ele outras embarcações. Levantou-se então uma grande tormenta e as ondas eram tão altas que enchiam a barca de água. Jesus, à popa, dormia com a cabeça numa almofada. Eles acordaram-n’O e disseram: “Mestre, não Te importas que pereçamos?”. Jesus levantou-Se, falou ao vento imperiosamente e disse ao mar: “Cala-te e está quieto”. O vento cessou e fez-se grande bonança. Depois disse aos discípulos: “Porque estais tão assustados? Ainda não tendes fé?”. Eles ficaram cheios de temor e diziam uns para os outros: “Quem é este homem, que até o vento e o mar Lhe obedecem?”.



ITINERÁRIO SIMBÓLICO

MATERIAL: A Liturgia da Palavra deste XII Domingo sugere que, na continuidade do itinerário proposto para esta segunda etapa do Tempo Comum, aprofundemos o sentido da obra de misericórdia espiritual “sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo”. Deus não permanece indiferente ao sofrimento humano e às dificuldades concretas da vida quotidiana, mas sugere uma atitude de proximidade curadora, salvífica. Por isso, no arranjo floral, procurar-se-á simbolizar as tormentas e tempestades da vida com flores (preferencialmente maris pigmentadas de azul), que se configurem, no seu conjunto, de forma ondulada, mediadas por vivaz para formar um lago, no centro do qual se encontra Jesus, através de um girassol.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENT:** Deus vive na Sua morada santa, F. Santos (NRMS 38| IC, p. 427)
- **KYRIE:** J. Santos (IC, p. 21 / NRMS 50-51)
- **SANTO:** F. Silva (IC, p. 52 / NRMS 99-100)
- **CORDEIRO DE DEUS:** F. Silva (IC, p. 59 / NRMS 38)
- **COMUNHÃO:** Apareceu entre nós um grande profeta, Az. Oliveira (IC, p. 391 | NRMS 70)
- **PÓS-COMUNHÃO:** Bendito sejas, sei que Tu pensas em mim, H. Faria (IC, p. 3297 / NRMS 2 - II)
- **FINAL:** Deus é Pai, Deus é Amor, F. Silva (IC, p. 425 / NRMS 99 - 100)

REFLEXÃO

Vento, mar, tempestade, fenómenos meteorológicos que destroem tudo... Os Apóstolos ficam indignados perante a tranquilidade de Jesus Cristo, mas Ele interpela-os sobre a falta de fé (evangelho). Já no Antigo Testamento, a tempestade marítima simbolizava o perigo (primeira leitura) e, nesse sentido, uma ameaça à relação com Deus. Por isso, em todos os tempos, o ser humano dominado pela angústia grita para Deus e espera a salvação (salmo). Ora, em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos e para sempre (segunda leitura). Acredito na dinâmica salvadora de Jesus Cristo?

“O Senhor respondeu a Job do meio da tempestade”

O décimo segundo Domingo (Ano B) oferece, na primeira leitura, um texto do livro de Job. Trata-se de uma obra sapiencial composta por uma parte em prosa — o prólogo e o epílogo — em que se descreve os sofrimentos e as desgraças de um homem que, no final, é recompensado por Deus. É como uma história com um final feliz! A parte central do livro é poética. Contém os diálogos de Job com os seus amigos. Estes insistem em classificar a desgraça como um castigo divino: Deus é justo; Job é pecador, culpado. Job recusa-se a aceitar: protesta e reivindica a sua inocência. No final do livro, Deus — o grande desafiado — fala com Job. O fragmento da primeira leitura faz parte desse diálogo. “O Senhor respondeu a Job do meio da tempestade”. Mas as respostas de Deus são novas perguntas sobre a ordem e o sentido do Universo (neste caso, sobre a força

do mar), perguntas para as quais o ser humano também não tem resposta. Em rigor, Deus não responde às interrogações colocadas por Job ao longo do livro. Mas aceita entrar em diálogo. A solidariedade de Deus com Job torna-se suficiente para lhe dar sentido à vida. Além disso, nas “respostas” de Deus percebe-se um convite a contemplar a vida com olhos de fé. “A experiência de Job só encontra a sua resposta autêntica na Cruz de Jesus, acto supremo de solidariedade de Deus para connosco, totalmente gratuito, totalmente misericordioso. E esta resposta de amor ao drama do sofrimento humano, especialmente do sofrimento inocente, permanece para sempre gravada no corpo de Cristo ressuscitado, naquelas suas chagas gloriosas que são escândalo para a fé, mas também verificação da fé” (FRANCISCO, *Mensagem para o Dia Mundial do Doente*, 2015).

Quantas vezes experimentamos o desânimo, o fracasso, a frustração, as surpresas negativas da vida! E, face a esta crua realidade, parece que Deus “está a dormir” ou nos abandona. É certo que, nos momentos difíceis, ficamos “cegos” e não somos capazes de ver mais nada além do que estamos a sentir e a viver. E falta-nos a capacidade para aceitar que o silêncio de Deus não é ausência, mas profunda solidariedade. “A força da fé não consiste na “imperturbabilidade da convicção”, mas na capacidade de suportar também as dúvidas, as obscuridades, de suster o peso do mistério — mantendo a lealdade e a esperança” (T. HALÍK, *O meu Deus é um Deus ferido*). “Ainda não tendes fé?”.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Deus acompanha a Humanidade ao longo do seu caminho, por entre as tormentas do mar salgado da vida. Por isso, nesta celebração, propomos que a preparação penitencial seja feita com o rito da aspersão, procedendo, para isso, à bênção da água e do sal (*Missal Romano*, pp. 1359-1361).

ADMONIÇÃO INICIAL

Hoje somos convidados a reconhecer a nossa presença na barca de Jesus, que é a Igreja. Por isso, Jesus saúda-nos, no início desta celebração, dando-nos as boas-vindas a bordo. Como comunidade de novas criaturas, não podemos celebrar o mistério pascal de Jesus Cristo alheados da nossa vida concreta do dia-a-dia. Afinal, é o amor de Cristo que nos impele a celebrar a vida, em todos os seus momentos e dimensões, mesmo os mais difíceis. Por isso, vamos apresentar diante do altar, de Jesus que é o timoneiro desta barca, as nossas preocupações, os nossos anseios, as nossas amarguras, as nossas dificuldades e os nossos sofrimentos, para que, aceitando a proximidade do coração de Jesus, nos aproximemos sempre cada vez mais d’Ele.

EUCOLOGIA

Orações próprias da Missa do Domingo XII do Tempo Comum (*Missal Romano*, p. 406)
Oração Eucarística V/C com prefácio próprio (*Missal Romano*, p. 1175)

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos em Cristo:
A oração do humilde atravessa as nuvens. Cheios de fé, invoquemos o Senhor, Pai justo e misericordioso, e imploremos humildemente:

- R.** Senhor, nós temos confiança em Vós.
1. Por toda a Igreja, barca de Jesus Cristo sacudida pelos ventos e tempestades da vida, que encontra no Seu Mestre o timoneiro que desperta a sua fé e dissipa todos os seus temores, oremos.
 2. Pelo mundo afligido pelo mal, sobretudo pelos refugiados do mar Mediterrâneo, que descobrem em Jesus, Filho de Deus, o profeta que renova a vida de cada pessoa, oremos.
 3. Pelos navegantes e pescadores em perigo, que reconhecem a presença invisível de Jesus como fonte de calma para as suas tempestades e tormentas, oremos.
 4. Pelos que estão ao serviço do próximo, que perseveram nos caminhos da “fé vivida” e se mantêm sempre atentos aos problemas ecológicos, apresentando o rosto de misericórdia de Deus mesmo perante o fracasso e a incompreensão, oremos.
 5. Pelos membros da nossa comunidade (paroquial), que se tornam novas criaturas pela Palavra e pelo Pão do Céu que Deus nos dá, oremos.

Senhor, nosso Deus, que pela palavra do vosso Filho acalmastes os ventos e as ondas, aumentai a nossa pouca fé para sabermos vencer as tempestades da vida.

Por Cristo Senhor nosso.



GPS ACOMPANHA PEREGRINOS

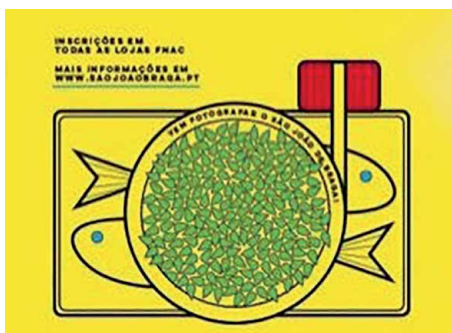
O “Passo-a-Rezar” disponibiliza agora uma proposta de oração para os peregrinos de Santiago de Compostela através de dez ficheiros alojados em “Passos para Mais”. O conteúdo pode ser descarregado para MP3 e ouvido a sós ou em grupo durante uma peregrinação de oito dias a Santiago de Compostela.

Ainda a pensar nos peregrinos, o Apostolado da Oração lançou o “GPS do Peregrino”, uma iniciativa que inclui conselhos práticos para preparar a peregrinação (o que levar, como ir, o que fazer ao chegar, orações...) e um espaço para anotar as impressões dos dias passados na estrada.

O “GPS do Peregrino” será apresentado hoje, no Centro Académico de Braga, a partir das 21h15, pelo Secretário Nacional do Apostolado da Oração, Pe António Valério, Sj.



MARATONA DE FOTOGRAFIA



Nos próximos dias 23 e 24 de Junho realiza-se mais uma edição da Maratona Fotográfica da Fnac, este ano integrada nas Festas de S. João de Braga.

A iniciativa começa pelas 19h00 do dia 23 e termina pela mesma hora no dia seguinte. O objectivo passa por “captar todo o ambiente único de festa da cidade”.

A inscrição tem um custo de 10€ e pode ser feita em qualquer loja FNAC até ao dia 21 de Junho. Os participantes podem fazer-se acompanhar de amigos e família. O jantar será servido na Escola Secundária Dona Maria II. Durante as 24h, ainda haverá tempo para uma pausa.

AGENDA

19.06.2015

**APRESENTAÇÃO ENCÍCLICA
PAPA FRANCISCO**

10h00 / Bom Jesus

21.06.2015

**LANÇAMENTO DA OBRA “NÃO
ME VENHAS FALAR DE AMOR”**

15h00 / Igreja de S. José de Ribamar
(Póvoa de Varzim)

**PROCISSÃO
DA RONDA DA LAPINHA**

Santuário da Lapinha



O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, Artur Mesquita Guimarães, da Associação Portuguesa de Famílias Numerosas.



Faça um Like

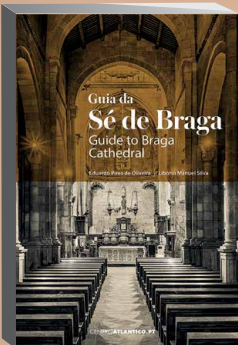


Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Joana Araújo), Flávia Barbosa
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



**EDUARDO
OLIVEIRA,
LIBÓRIO SILVA**

**GUIA DA SÉ
DE BRAGA**

O livro “Guia da Sé de Braga”, da autoria de Eduardo Pires de Oliveira e Libório Manuel Silva, descreve a mais antiga Catedral portuguesa, enumerando espaços como os retábulos, os túmulos, a mais notável sacristia do Norte de Portugal ou o Tesouro-Museu, onde é possível encontrar raras obras de arte como as vestes litúrgicas que os Arcebispos utilizaram desde a Idade Média nas diferentes cerimónias celebradas na Sé. As explicações são acompanhadas de fotografias que ilustram todos os recantos deste milénar local de culto. A obra tem um formato de guia de bolso.

PVP
€ **14**

15%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 18 a 25 de Junho de 2015.